

GRAMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DO PORTUGUÊS: COM A PALAVRA, OS AUTORES

Anderson Cristiano da Silva¹

NEVES, M. H. de M.; CASSEB - Galvão, V. C. (Org). *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, 160p.

Fruto de um encontro histórico entre os principais gramáticos da língua portuguesa atuantes nestas primeiras décadas do século XXI, o livro *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores* foi organizado pelas autoras Maria Helena de Moura Neves e Vânia Cristina Casseb-Galvão e publicado pela Parábola Editorial, no início de 2014. Essa obra de referência é resultado das falas de uma mesa-redonda proposta pela professora Neves, em ocasião do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (IV SIMELP), realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, em julho de 2013.

O evento de abertura, realizado dentro do Simpósio, teve como temática motivadora a frase: *Eu defino minha gramática como...*, no qual foram convidados renomados autores brasileiros e uma de Portugal, dos quais citamos por ordem alfabética: Ataliba Teixeira de Castilho, Evanildo Bechara, José Carlos Azeredo, Marcos Bagno, Maria Helena de Moura Neves, Maria Helena Mira Mateus e Mário Perini. Ademais, também foram convidados para comentar os percursos históricos e educacionais dessas gramáticas, os pesquisadores Marli Quadros Leite e Francisco Platão Savioli.

Com apresentação realizada pelas organizadoras, observamos que estruturalmente a obra foi organizada em 2 partes. Na parte I, denominada “Os gramáticos e suas obras”, encontramos por ordem de apresentação dos trabalhos, a fala sistematizada dos autores convidados. Na parte II (Comentários), encontram-se os estudos realizados sobre essas gramáticas a partir da visão crítica realizada pelos dois pesquisadores. Ao todo, o livro possui 9 capítulos, além das referências bibliográficas e as respectivas minibiografias dos notórios integrantes da mesa-redonda.

¹ Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - PUC/SP. Bolsista CNPq de doutorado e membro-estudante do GP/CNPq/SP Linguagem, Identidade e Memória. E-mail: andcs23@ig.com.br

No capítulo 1 (p. 19-30), Bechara nomeia sua apresentação a partir de uma interrogativa: *Para quem se faz uma gramática?* Em suas palavras iniciais, asseverando que o termo gramática possui um caráter polissêmico, resolve utilizar apenas duas acepções, a gramática descritiva e a normativo-prescritiva. Na tentativa de responder seu questionamento inicial, toma como referência crítica a posição de alguns linguistas, especialmente os americanos, de que a gramática deve ser abandonada no ensino escolar. Nesse ponto, afirma que tal posição revela uma confusão entre as duas perspectivas gramaticais, pois ambas são correlatas e independentes. Ademais, assevera que a gramática normativa tem seu espaço e não se anula diante da gramática descritiva, ratificando que a norma não é uniforme e estática, mas comporta-se de maneira elástica, adaptando-se as situações sociais específicas.

Representando Portugal, o capítulo 2 (p. 31-47), *Defino nossa obra gramatical como...*, traz as reflexões de Maria Helena Mira Mateus sobre a obra coletiva *Gramática da língua portuguesa*. Em sua explanação, a estudiosa dedicou o espaço para falar sobre três aspectos: o nascimento do projeto; sua repercussão entre os estudiosos da gramática e sua atualização ao longo das décadas. Em suas palavras, a autora concentrou sua comunicação aos aspectos externos da obra, explicitando a história da primeira e segunda edições. Em um segundo momento, dedicou-se um espaço menor para exemplificar concretamente uma das partes dessa nova gramática realizada por notórias autoridades portuguesas, tornando-se uma referência pluri-autoral no século XXI.

No intuito de defender a tese de que *o estudo de gramática deve ser parte da formação científica dos alunos*, Mário Perini intitula o capítulo 3 (p. 48-67) como: *Defino minha obra gramatical como a tentativa de encontrar resposta às perguntas: por que ensinar gramática? Que gramática ensinar?* Em suas discussões, Perini defende a ideia da gramática merecer um lugar específico como uma disciplina científica (levando em conta os resultados da ciência da linguagem), destacando a disciplina com os trabalhos de observação, formação de hipóteses e raciocínio lógico. Seguindo sua linha de raciocínio e explicitando sua visão de gramática como disciplina científica, o autor discorre sobre a ciência e o mundo moderno, asseverando que a ciência é a maior fonte de poder que dispõem os seres humanos, sendo a ciência o caminho, não o ponto de chegada. Com isso, ratifica seu posicionamento sobre o caráter científico a ser observado no ensino gramatical nas escolas básicas do ensino regular.

Respondendo a própria provocação lançada para os gramáticos participantes do evento e para si mesma, Maria Helena de Moura Neves discorre no capítulo 4 (p. 68-79): *Defino minha obra gramatical como...* Em suas reflexões iniciais, a autora resgata questões centrais que surgiram no trabalho de produção de uma gramática descritiva do tipo funcionalista. Para tanto, toma como base duas gramáticas de usos do português e elaboradas e publicadas em sequência pela estudiosa: *Gramática de usos do português* e *A gramática do português revelada em textos*. Nesse ponto, justifica que suas produções tomam por base a descrição de fatos relacionados aos usos reais da língua, baseados nos princípios funcionalistas. Entendendo a necessidade de considerar os elementos de interação para explicitação dos usos da língua, sua diretriz central é destacar a função da gramática na organização discursivo-textual. Neves aprofunda-se nas seguintes questões: o recurso a textos no estudo da gramática; a necessidade de um olhar reflexivo sobre a ativação da linguagem na produção linguística; a necessidade de uma direção teórica consistente; a dialética entre uso e sistema: a necessária apreensão de categorias e de funções.

O quinto capítulo (p. 80-85) desta obra traz uma síntese da explicitação de José Carlos de Azeredo, intitulada: *Como defino a Gramática Houaiss da língua portuguesa, de minha autoria*. Entre os destaques, o autor esclareceu sobre o título da gramática, o convite prontamente atendido a partir de sua relação com o Instituto Antônio Houaiss, bem como seu projeto de escrita delineado a partir de sua experiência de mais de trinta anos como professor em cursos de graduação de Letras no Rio de Janeiro. Além disso, explicitou que o objetivo de sua obra é a variedade escrita do português em uso no Brasil. Adequando-se as necessárias atualizações e reorientações teóricas e procedimentais, Azeredo enfatiza que esta gramática dá continuidade à tradição descritiva constituída até o final do século XX, guardando seu caráter tradicional em consonância com os novos avanços das ciências da linguagem.

Ataliba Teixeira de Castilho dedicou-se no sexto capítulo (p. 86-90) a explicitar *Sobre a Nova gramática do português brasileiro*. Em sua explicação, admite que essa não é uma gramática teórica, mas procurou identificar os processos criativos do português brasileiro, pautando-se por uma justificativa pelo viés social. Em suas palavras, o dispositivo é social uma vez que representa generalizações de planos conversacionais, e é cognitivo pois combinacom os aspectos linguísticos das categorias

cognitivas. A partir dessas considerações sobre esse trabalho monoautorial, Castilho justificou seu posicionamento teórico a partir do que denominou *abordagem multissistêmica* da língua pelo forte conteúdo funcionalista-cognitivista, no qual filtrou o resultado de pesquisas realizada nas últimas três décadas no campo da linguagem. Ademais, sua perspectiva metodológica teve por base duas etapas articuladas, em que primeiramente dispôs de textos expositivos para encerrá-los por meio de outros textos indagativos.

Fechando a primeira parte do livro e notadamente com um número superior de páginas em comparação aos outros gramáticos, o capítulo 7 (p. 91-111), *Uma gramática propositiva*, traz a explicitação de Marcos Bagno sobre sua obra *Gramática pedagógica do português brasileiro*. Ressalta-se o espaço que o autor dedicou para distinguir o título dado em relação à publicação precedentes de títulos semelhantes, como as gramáticas de Perini e Castilho. Desse modo, tenta explicitar a inserção do adjetivo pedagógica como modo de preencher lacunas na formação docente nos cursos de Letras e Pedagogia. Fundamentando-se na realidade sociolinguística do português brasileiro, Bagno explicita que sua gramática objetiva descrevê-la, sugerindo que as características lexicogramaticais sejam o verdadeiro objeto de uma pedagogia de língua materna sintonizada com os progressos da pesquisa linguística e das ciências da educação. Exemplificando ao público as novidades presentes em seu compêndio, o autor discorre sobre a sintaxe do português brasileiro, no qual destacamos entre os exemplos, o caso da ergatividade. Por fim, Bagno ratifica que o caráter propositivo de sua obra vem contra ao posicionamento dualista ocidental que se perpetua sobre os fatos da linguagem desde Platão, propondo assim um enfoque integrador entre sistema, uso, gramática e discurso.

Nos depoimentos constituídos ao longo dessa primeira parte do livro, observa-se uma contribuição importante não só para os estudiosos que trabalham especificamente com as questões gramaticais, mas se amplia para todos os pesquisadores que trabalham com a linguagem e professores de línguas do ensino básico. A publicação da fala dos próprios gramáticos ajuda esclarecer os motivos e nuances existentes entre cada obra, bem como corrobora para que o leitor tenha um olhar mais crítico sobre cada compêndio, vendo seus pontos positivos e negativos, possibilitando escolher qual material se adequa melhor aos seus objetivos.

Abrindo a segunda parte do livro, o capítulo 8 (p. 115-133) apresenta o estudo de Marli Quadros Leite: *Tradição, invenção e inovação em gramáticas da língua portuguesa – séculos XX e XXI*. Partindo das contribuições teóricas de Auroux, Leite concebe, assim como os dicionários, as gramáticas como instrumentos empíricos linguísticos constituídos a partir da tradição greco-latina, configurando-se como um objeto técnico-cultural que vai se modificando ao longo da história, mas ao mesmo tempo configura-se como um gênero relativamente estável que estrutura-se de maneira semelhante: termos teóricos, definição, classificação e exemplos. Arrematando o ensaio, Leite faz uma comparação de alguns elementos-chave entre as gramáticas contemporâneas do século XX e XXI, entre os quais destacamos as características de conservação (tradição), invenção e inovação a partir das novas contribuições das ciências da linguagem.

O capítulo 9 (p. 134-152), *O percurso das gramáticas nas ações escolares*, mostra as reflexões de Francisco Platão Savioli sobre as obras supracitadas, tendo como parâmetro sua experiência como renomado professor de Língua Portuguesa no país. Para comentar sobre esses compêndios, estabelece uma rota de leitura por meio de um recorte, explicitando o percurso em três estágios a partir de momentos da relação do ensino da gramática e os fatos sócio-históricos. No primeiro momento, situado entre as décadas de 60 e 70 do século passado, Savioli considera o menos expressivo no ensino da gramática, no qual prevalecia o comodismo inercial e acrítico, mantendo-se o ensino da gramática pela gramática. O autor aponta o segundo estágio, compreendido entre início da década de 80 e fins da década de 90, como um período de transição e contrastes. Devido ao avanço considerável das produções acadêmicas, observou-se um deslocamento discursivo relativos às concepções de gramática, repercutindo de maneira expressiva nas ações escolares. O terceiro estágio organizado pelo autor compreende ao período de consolidação de mudanças sustentáveis ocorridas a partir do ano 2000. Savioli explica que nesse período houve o surgimento de obras inovadoras concomitantes, sendo destacado a revisão epistemológica de diversos conceitos sobre língua e linguagem.

Em nossos apontamentos finais, observamos que não este livro não trata apenas de mais um livro falando sobre gramática, mas torna-se uma obra única e referencial para todos os estudiosos que de alguma forma trabalham com gramática. O caráter

inovador de dar voz aos autores, possibilitando-os a mostrar seu ponto de vista sobre as próprias obras, o contexto de produção e as peculiaridades que diferem seus escritos das demais publicações do gênero, contribuindo sobre o entendimento das gramáticas contemporâneas em circulação.

Referências

NEVES, M. H. de M.; CASSEB - Galvão, V. C. (Org). *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, 160p.

Recebido em 22/06/2014.

Aprovado em 03/09/2014.